
A Violência é apenas um sintoma!

RMA

A sociedade contemporânea tem sido palco de um conjunto de fenômenos mal compreendidos e que são uma ameaça para a luta pela transformação social ou mesmo para a manutenção das frágeis conquistas civilizatórias. No fundo, quando uma sociedade entra em seu período de decadência, os processos sociais passam a sofrer de uma deterioração geral e o barbarismo se torna cada vez mais manifesto, embora, muitas de suas formas apareçam como sendo processos civilizadores ou normais.

A ascensão do extremismo político (que é diferente do radicalismo, pois este significa ir até a raiz e não o uso da violência, irracionalidade e intransigência); da intolerância, da intransigência e outros processos que alguns denominam equivocadamente de “discurso de ódio”; a força do irracionalismo e do sentimentalismo em detrimento da racionalidade; os atos de violência (como, no caso brasileiro, seguindo uma prática tradicional dos Estados Unidos, o que é inusitado, os ataques nas escolas) são apenas sintomas de um processo social e psíquico muito mais grave e com raízes muito mais profundas.

Esses fenômenos, bem como os atos de violência, não podem ser explicados por mera adesão às concepções políticas, como, por exemplo, aqueles que querem vincular tais ataques ao bolsonarismo ou nazismo, que, embora em um ou outro caso, possam também se manifestar conjuntamente. A razão disso é que a própria adesão ao neonazismo, por exemplo, requer uma explicação e compreensão de suas motivações e determinações.

O fortalecimento de determinadas concepções políticas revela algo. Os progressistas querem fazer de conta que “esse algo” é apenas produto das habilidades maquiavélicas dos reacionários. Em toda época de desestabilização ou crise, ocorre a ascensão do extremismo, conservador ou progressista, bem como o fortalecimento da perspectiva revolucionária.

O problema é que a perspectiva revolucionária, devido sua radicalidade estar vinculada ao processo de autonomização do proletariado e demais classes inferiores, não vem conseguindo se desenvolver, seja por força da hegemonia sobre setores da juventude e intelectualidade, que cria indecisão e ambiguidades, seja por falta do incentivo de lutas operárias e sociais mais radicalizadas. Por um lado, a força da hegemonia burguesa, por outro, a falta de lutas operárias e de outros setores de caráter espontâneo e mais radical.

Os progressistas mais extremistas, como o bolchevismo mais ortodoxo e suas variantes mais combativas, se enfraqueceu desde a queda da União Soviética e acabou se tornando, em sua maior parte, num apêndice da ala moderada do bloco progressista, que, por sua vez, passou de social-democracia para neopopulismo, em sua maioria esmagadora. E a isso se junta a influência da hegemonia burguesa, especialmente o subjetivismo.

Os reacionários acabam ganhando espaço nesse contexto. Se não existe – e o que existe é numericamente insignificante ou politicamente ambíguo, moderado e sem radicalidade – uma posição firme e decidida de crítica e luta, então os descontentes vão se alinhar às posições políticas que são mais extremistas. A ascensão do reacionarismo (bolsonarismo, trumpismo, neonazismo, etc.) se vincula a esse momento de desestabilização, a fraqueza da oposição ao capitalismo, ao imobilismo do movimento operário.

Porém, existem mais elementos e determinações que ajudam a explicar esse quadro. A juventude e a intelectualidade foram neutralizadas pela força da hegemonia burguesa e pela falta de esperança e declínio das utopias. O paradigma subjetivista penetrou com muita força nos meios juvenis, pregando liberação individual, sexual, etc., que não satisfaz, mas ilude. A intelectualidade renunciou a qualquer pretensão de autêntica responsabilidade social e política e ou se refugia num neutralismo ilusório ou individualismo isolacionista, ou então no partidarismo mais canhestro. Os partidos progressistas se adaptaram ao neoliberalismo, sendo sua versão neopopulista, e alguns, os menores e menos influentes, ficam orbitando eles ou então desaparecendo da cena política.

A força do moralismo progressista subjetivista entra em contraste com as tradições, com os setores mais conservadores, bem como com um mínimo de bom senso. Quando indivíduos progressistas quebravam cruz nas ruas e atacavam as religiões e igrejas, não pensaram que isso era um incentivo ao extremismo e violência do outro lado.

O ataque às religiões gera a sua reação, bem como o ataque à moral conservadora. Elementos arraigados na cultura e na mente humana não são retirados por golpes de força e geram sentimentos antipáticos que apontam para a aglutinação em torno daqueles que se opõem a tais processos.

O subjetivismo defende a liberdade individual, dos grupos, etc., mas exerce uma ação moralizante e visa controlar os comportamentos e até a linguagem. A falácia subjetivista consiste em defender uma suposta liberdade que é imposta, bem como defender que tais ideias são produtos do “sujeito” (ou “sujeitos”, no plural, pois depende de qual ideologia subjetivista se trata) e, no fundo, são gestadas em aparatos estatais, organismos internacionais, e depois divulgação, popularizados, promovendo uma reprodução inercial que se acha “autônoma” e de “fabricação própria”.

Esses processos políticos e culturais se tornam cada vez mais graves com o desenvolvimento histórico. A desestabilização do regime de acumulação integral contribui para novos motivos de insatisfação social, pois a inflação, o desemprego, os baixos salários, corroem o poder de consumo numa sociedade consumista e, para os indivíduos das classes inferiores, ameaçam até a satisfação de suas necessidades básicas, tal como a alimentação e a habitação.

Nesse contexto, atos de violência, revoltas e explosões sociais tendem a ocorrer, especialmente quando não se tem perspectiva de melhorar a vida ou esperança de transformação social radical e total. Os ataques nas escolas brasileiras, a revolta juvenil em Chicago e outros lugares nos Estados Unidos, se referem à duas realidades nacionais distintas, mas as determinações mais profundas são as mesmas. Esse contexto social e cultural que é gerador de conflitos e violência, reforçado e ampliado pelo declínio da taxa de lucro e problemas sociais e econômicos diversos.

A conclusão final é a de que a violência é apenas um sintoma. O sintoma revela e esconde a sua determinação. Um sintoma revela que existe uma doença e que é preciso tratá-la. Porém, o sintoma não revela qual é essa doença de forma imediata, na maioria dos casos. E quando se confunde sintoma com doença, a verdadeira determinação (a verdadeira doença) permaneça oculta. Por isso, em muitos casos, é necessário pesquisa, reflexão, exames, para saber qual é a doença que está gerando determinado sintoma. No caso da sociedade atual, o que temos são diversos sintomas e os intelectuais, aqueles que têm como função produzir intelectualmente e, alguns deles, pesquisar, analisar e explicar

os fenômenos sociais, culturais, políticos, econômicos, acabam confundindo os sintomas com as doenças, ou atribuindo doenças equivocadas, entre outros problemas.

A violência é um sintoma da decadência do capitalismo contemporâneo. Por isso é fundamental uma ampliação da luta e da organização, visando evitar a repetição de processos históricos dramáticos, como as guerras mundiais, os regimes totalitários e outros problemas que emergiram em contexto de desestabilização e crise. A luta deve ser agora e deve buscar formas bases para lutas mais amplas, centros de contrapoder, constituição e desenvolvimento de organizações autárquicas, sedimentação e desenvolvimento da teoria e da crítica, produção cultural engajada no sentido de ampliar espaços da hegemonia proletária. Assim, identificamos os sintomas e a doença, e após o diagnóstico veio o prognóstico. O remédio para a doença que assola o capitalismo contemporâneo é sua abolição e o meio é a luta. Então só nos resta lutar.